

**BOLETIM**

**INFORMATIVO**

da

**MISERICORDIA do SARDOAL**



**SANTA CASA DA MISERICÓRDIA**

DE

**SARDOAL**

**II**

# editorial

## No recto CAMINHO!

Segundo o conceito-base da moral evangélica, todos os deveres que nos ligam ao nosso próximo se reduzem, fundamentalmente, às virtudes da justiça e da caridade -as quais, por sua vez, se vão entrosar depois num conceito único, aglutinador: "amar os outros como a nós -mesmos.

A primeira obrigação que se nos impõe, nas relações com os outros, será, com efeito, o preceito do Amor. Na lei de Deus, logo o vemos considerado como o maior e mais importante mandamento -e sem o qual, mesmo, não é possível a observância capaz de nenhum outro. E, afinal, o próprio Cristo que no-lo afirmou, em expressiva e inequívoca declaração.

Dai se infere, pois, em simples e lógico entendimento, que o Amor para com o Próximo, se reduz e se unifica no amor para com Deus -centro de gravidade de toda a ordem natural e princípio e essência de todas as coisas.

Por consequência, a doação íntima do bem-querer com que nos dermos uns aos outros mais não será do que um acto de amor praticado "em nome e por amor de Deus".

Nesta rigorosa visão cristã dos valores da Vida está implícita, por isso, e desde logo, a explicação então mais facilmente assimilável, de um outro preceito que lhe vem subjacente, e que não raro se torna incompreensível, mesmo para muitos intitulado-se "cristãos" -o de que não deveremos, em nenhum caso, odiar os nossos inimigos (grandes que sejam as injúrias que deles houvermos recebido) pois que, senão também filhos de Deus, nunca podem, por esta mesma razão, apagar em si a imagem do seu Criador.

E tal noção do Amor, assim cristãmente entendida, que nos impõe o dever de evitar tudo o que vá prejudicar os nossos semelhantes não somente no campo material mas, também, no espiritual -que, aliás, tem relação mais directa com o eterno. O ódio, o desejo de vingança, o escândalo, são manifestações que atentam gravemente contra os mais altos valores da vida e negam ou roubam aos outros, por um verdadeiro acto anti-natural, a consideração que é mister dispensar-lhes.

Bem vistas as coisas, não deixam de ser, até, princípios elementares, que deveriam estar sempre postos em nós mas de que infelizmente, fazemos tábuas-rasa a cada passo, levados pelas rédeas lassas das paixões incontidas, e com as portas da alma fechadas à luz da razão. "É fraca a natureza humana", ouve-se objectar a propósito, com relativa frequência. Mas, com essa desculpa emoliente e comodista, mais não procuramos do que tentar desresponsabilizar-nos das culpas em que vamos caindo, por falta de vontade firme e de propósitos honestos em querer dar ouvidos à voz da razão!

Uma solene exortação à caridade na vida de relação com todos os nossos Irmãos era, ainda há pouco, vivamente abordada por João Paulo II, quando afirmava que "a concepção orgânica da sociedade, a única vital, em que a mais nobre humanidade e o mais genuíno espírito cristão podem florescer em harmonia não admite, de qualquer forma, nem oposições nem alternativas entre "amor ou direito" mas, apenas e só, a síntese fecunda que se exprime no binómio "amor e direito". Num e noutro, ambos irradiação do mesmo espírito de Deus, se deve cifrar o programa, o selo da dignidade fraterna e convivente". Por isso se completam e se interlaçam mutuamente; animam-se, sustentam-se, dão-se as mãos, cooperando nas sendas da concórdia e da pacificação.

E, se virmos bem, enquanto o direito aplanar o caminho do amor, o amor mitiga o direito, sublimando-o. Ambos elevam a vida humana àque-la atmosfera de são gregarismo onde, mesmo no meio das naturais deficiências, impedimentos e durezas do quotidiano, se torna possível implantar um convívio fraternal entre os homens.

E verdade que somos interiormente o palco de uma divisão, de um entrechoque de solicitações positivas e negativas, que nenhum preconceito filosófico logra disfarçar. Mas, igualmente, está em nós, também, o poder, a capacidade de seguir o Bem, em vez do Mal, de procurarmos os caminhos da justiça e do dever, em vez de flectirmos para as veredas (sempre muito mais acessíveis!) da iniquidade e da desonra.

Seria trágico, então, que por obstinada e relutante teimosia persistíssemos em fechar os olhos para a Luz que nos pode guiar seguramente!

•MÁRIO DA SILVA ESTEVES

## UM GESTO de LOUVAR!

Foi logo quase após a inauguração do "Centro de Dia" da Misericórdia que um grupo de albergados começou a fazer a recitação diária do terço, pelo meio da tarde.

Havendo este empenho sido posto, na altura, à Mesa Administrativa, viria a ser não somente com a mais ampla e aberta concordância mas, sobretudo, com aplauso incondicional, que esta Entidade apoiou tão bela iniciativa.

E essa devoção, que a princípio se circunscrevera a um pequeno círculo, logo foi ganhando amplitude e, a breve trecho, passava a englobar a quase totalidade dos utentes-albergados, numa manifestação de fé religiosa que se vê ser intensamente participada e assumida.

Tem causado certa admiração aos visitantes desprevenidos do Centro, que aqui entram para se inteirarem desta grande obra de solidariedade social, criada e mantida pela Misericórdia (depois de vencidas mil-e-uma peias burocráticas) depararem com esta tão íntima ligação Terra-Céu, vivida por esse numeroso grupo de homens e mulheres (a que se veio associar, também, e espontaneamente, o pessoal de serviço), todos unidos pelo mais respeitoso e fraterno espírito de devoção e Amor a Deus!

A pequena referência de circunstância, aqui trazida agora, como um simples apontamento tirado ao viver quotidiano desta "Casa de Bem-fazer" mais não pretende do que realçar essa atitude tão meritória e louvável -que, talvez, possa mesmo servir de exemplo e estímulo, em tantos outros lados, acordando iniciativas, sacudindo inércias, desfazendo tibiezas!

••

## MEDITAÇÃO

Nada nos afronta, quem diz mal de nós mentindo.

P. António Vieira

# FOI HÁ 476 ANOS!!!

Em 20 de Junho de 1509 era dada aprovação régia ao "Regimento-Compromisso" do Hospital de Santa Maria do Sardoal que, desde então, se instituiu em Santa Casa da Misericórdia.

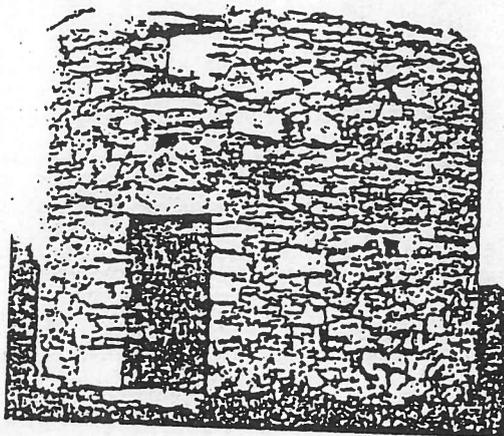


## ...de como era feito o pão de cada dia!

Quando, no último nº do "Boletim" se abordou este mesmo tema, deixou-se em suspenso, por falta de espaço, a referência a um conflito surgido entre os moleiros do nosso concelho; um pouco antes dos finais do século passado -o qual, de algum modo, veio a estar relacionado, também com a Misericórdia de Sardoal.

O diferendo em causa ocorreu há certa de 100 anos, numerosas redondos, pois se situou temporalmente entre 1880/1890. Alguns elementos permitem, com efeito, balizá-lo entre aqueles dois extremos, se bem que não se conheça, já, com rigor, a data exacta.

Por essa época (e como vinha acontecendo, aliás, de tempos mais recuados), a Misericórdia mandava cozer o pão para o consumo do seu Hospital, todos os dias, em um forno da própria instituição. Com efeito, na altura as padarias eram, ainda, estabelecimentos quase de "luxo", sobretudo nos meios pequenos de província e tinham uma venda bastante reduzida e limitada, que não dava garantia de abastecimento regular a comunidades de certo porte (como hospitais, asilos, quartéis, orfanatos), sobretudo nos casos em que poderiam ter população flutuante. Daí que, pelo menos em zonas como a nossa, essas instituições mandassem cozer o pão de que necessitavam para seu consumo, quer em fornos próprios (que muitas possuíam), quer nos de utilização pública -que, muitas vezes, tinham sido mandados fazer pela Câmara. Aqui em Sardoal, há via alguns deste último tipo mas que, na altura, já eram propriedade de "fornearas" particulares.



Arredores de SARDOAL  
Ruínas de um antigo  
moimho-de-vento

Essas mulheres, cujo mister era, exactamente, o de cozer pão para as pessoas que lhes confiavam tal encargo, tinham uma remuneração que era normalmente retirada, em espécie, do próprio ce real, numa determinada percentagem, a que se chamava a "maquia" -forma de pagamento ainda hoje utilizada pelos lagares de azeitona desta área. Mas, havia, igualmente, quem preferisse pagar-lhes em dinheiro, a tanto por fornada.

Além disso, a mulher-do-forno recebia sempre, como gratificação extra, a oferta de um pão grande e de uma merenda doce, por cada tarefa que lhe confiavam. Era um hábito consuetudinário que, com o andar dos tempos, veio a ser tomado como "lei".

O trabalho dessas mulheres era bastante duro e penoso, uma vez que passavam dezenas de anos sempre em contacto com a alta temperatura dos fornos quase em brasa, na espinhosa tarefa de converterem o cereal panificado em belos pães redondos, muito loiros. Toda a gente apre-

• Continua na página seguinte

# Benditas sejam as MISERICÓRDIAS

Perfazem-se dentro em pouco 490 anos (cerca de meio milénio) sobre a gloriosa data em que uma grande Rainha Portuguesa, tendo à sua ilharga frei Miguel Contreiras, fundava a primeira Confraria, que era erigida sob a égide da Caridade e da invocação da "Virgem Maria da Misericórdia", como expressamente se declara nos seus estatutos.

Estavam criadas, assim, as Santas Casas da Misericórdia!

A Rainha D. Leonor tivera a intuição da necessidade imediata de ir ao encontro das carências de diversa ordem que, tão profundamente, atingiam as classes pobres -entreguse, como estavam, ao sabor de um destino inclemente.

As Misericórdias ficaram a abranger, em amplitude quase imensurável, múltiplos sectores dos estratos sociais da época, e causa verdadeiro assombro a extensão e alcance de que nobremente se reveste uma instituição que, nascida numa altura da História em que os planos chamados assistenciais ou de socorro não tinham uma premência absoluta, desce ao pormenor de uma acção atenta que, tanto se dirige à salvação da alma como à remissão dos presos e ao amparo de viúvas, velhos e crianças.

Tudo isto transparece no seu Compromisso que é pega mestra da História da Caridade e da Assistência Social, e fulcro de um apostolado eminentemente cristão, nascido, todo ele, das fontes evangélicas.

A sua acção inicial dirige-se para o acolhimento dispensado aos "expostos", que era uma grande chaga social do tempo, mas logo se desdobra, em seguida, na visita domiciliária aos doentes, na distribuição diária de alimentos e roupas aos pobres e, de igual modo, na visitação às cadeias, na obtenção de moradias para os sem-lar, no atendimento aos enfermos -para os quais funda hospitais, leprosas, albergues. Mas esta vastíssima acção acusa, ainda, outras curiosas facetas, como é, por exemplo, a do estabelecimento de um convívio fraterno entre todos. Na verdade, o Compromisso contém, até, um capítulo especial sobre "como se hão-de fazer as amizades entre as pessoas desavindas" -e havia, mesmo, um livro especial para escrever os nomes de todos os réconciliados!

(Continua na pág. 4)



## NA MÃO DE DEUS

Durante o primeiro semestre deste ano de 1985 foi Deus servido chamar à Sua presença os nossos bons Amigos e Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal:

António Augusto  
Florinda de Matos Côdea  
Jaime Lopes Simples  
Dr. Júlio Rodrigues Garcia  
Lúcio Serras Pereira  
Maria de Jesus Serras.

Cumprirá ao Senhor julgar de seus méritos e virtualidades pessoais. Mas, os exemplos que quase todos nos legaram ficarão como paradigma e modelo a seguir.

Para aqueles dedicados Irmãos, mossos conterrâneos, que dormem agora o sono da paz, pedimos as orações de todos os leitores. E a Misericórdia, como é seu piedoso hábito, mandará celebrar, também, uma missa de sufrágio pelos falecidos.

# NOTÍCIAS HISTÓRICAS

Continuado da  
pág. 3

ciava, na altura, o pão bem cozido e alourado; - essa característica, sempre tomada a preceito, fazia o crédito e a fama profissional daquelas tarefeiras. Estava-se bem longe, ainda, das actuais massas esponjosas e encruadas dos "croissants" e seus afins, com que muitos habitantes dos grandes centros, nos dias de hoje, se dão por satisfeitos, considerando-os como suporte e base de uma pretensa "refeição", insípida e desalinhavada.

Como se referia, a Santa Casa que, por esta altura tinha sempre o Hospital cheio de doentes e protegia e amparava, tal como hoje, muitos outros necessitados, possuía um forno de sua propriedade, nos terrenos adjacentes ao hospital, conhecidos pela designação de "a cerca"-e, em consequência do volume da sua cozedura diária, mantinha uma forneira privativa, para todas as tardes, uma vez que a amassadura era feita da parte da manhã, por empregadas do Hospital.

Para as necessidades diárias da farinha correspondente, utilizava os serviços de três ou quatro moleiros da zona, de entre os vinte e tal que laboravam na área.

Aconteceu, porém, que por aquela altura citada a mulher-do-forno do Hospital da Misericórdia veio a casar com um moleiro de azenha -o qual, por acaso, não pertencia, até então, aos contratados pela Santa Casa. Mas, a partir dessa altura, porém, e como facilmente se deduz, ele veio logo a fazer parte dos fornecedores da Misericórdia!

Só que isso deu origem a uma espécie de conflito entre os seus colegas de ofício e todos se passaram a considerar, então, com direito a servir, também, a Santa Casa... até porque o volume das suas encomendas era bastante significativo.

Esse mal-estar começou a dar origem a incompatibilidades e rivalidades pessoais, com de sentendimentos graves numa classe que havia sido, desde sempre, ordeira e convivente.

Então, a Misericórdia, no sentido de acalmar os desavindos e de restabelecer um clima de paz e de concórdia, chamou-os a todos, para uma reunião conjunta -talvez um "plenário", como se usa empregar na moderna terminologia.

E, depois de ouvir os pontos-de-vista apresentados, fez a todos uma proposta conciliadora. Assim, passava a estabelecer contrato com todos os moleiros do concelho (e só do concelho!), sem qualquer excepção. Em cada mês eram destacados dois, para servirem a Misericórdia, trabalhando em dias alternados -excepto domingos e dias-santos. Durante o Inverno, mais concretamente, nos meses de Novembro/Abril, o trabalho ficaria confiado aos moleiros-de-azinha, para aproveitar os caudais pluviosos dessa época do ano; nos restantes meses, era adjudicado aos moínhos-de-vento.

Foi feita, então, e logo a propósito, uma escala a tempo largo, obtendo-se por sorteio a ordem dos participantes.

Esta solução, tão simples e prática, que emergiu de um diálogo sereno e bem-intencionado, veio a merecer a concordância de todos os interessados. E o problema, que a princípio se mostrava intrincado e chegara, mesmo, a ganhar proporções, resolveu-se assim, sem mais entraves nem dificuldades.

E não consta que alguma vez, mais, se tivesse reacendido!

# Benditas sejam as MISERICÓRDIAS

Continuação da página 3

E mais uma faceta da obra das Misericórdias, a vincar a vastidão de um plano que, tendo raízes espirituais, não desestimava as realidades da vida, realizando, assim, uma simbiose que afirma o seu espírito profundamente humanista e cristão.

A obra cresceria, já não só porque tinha o apoio do soberano, a aprovação do Papa, a pronta aceitação de toda a Igreja, mas também, e fundamentalmente, a gratidão dos socorridos e beneficiados -o que constituía a prova eloquente e insomifável de uma acção directa, profunda, inteligente, sem egualdades!

Quatrocentos e noventa anos constituem, pois, um longo historial que pertence, de resto, à própria História da Igreja, pois nela se integram as Misericórdias, como letra viva das lições do Mestre -de coração sempre aberto a todas as misérias e sempre com uma mão disponível para reerguer quem tomba no caminho, por doença, por miséria ou por fraqueza.

Se hoje já não há, felizmente, presos nas galeas para remir, nem "expostos" na roda para não deixar perecer, continua a haver (e cada vez mais!) situações angustiantes para as quais a nossa intervenção pode conseguir prodígios, por Amor.

Sempre correspondendo às carências do próprio tempo, as Misericórdias actualizam-se, vão ao encontro dos novos males, para novas soluções! A Caridade não é uma virtude cristalizada -antes, uma flor a renascer em cada dia que passa!

Nem sempre tem sido compreendido o alcance desta instituição providencial. De tempos a tempos, governantes e políticos atacados de "auto-suficiência", entendem que, tal como se nacionalizam áreas de terrenos e empresas, se devem nacionalizar instituições -até aquelas que nunca tivessem por objectivo comércio ou qualquer espécie de lucro que não seja para aplicação imediata no bem-fazer -que é o caso das Misericórdias!

Investidas várias que lhes têm sido lançadas, em diversas épocas, algumas vezes com êxito, outras seguidas de fracassos, esbulharam-nas de muitos dos seus bens -que, aliás, por rigor, são inalienáveis.

Quantos estão à frente das Mesas directivas das Santas Casas -e seja qual for a diocese- sabem bem a luta por imensas vezes travada com a burocracia balofa e, até, com a "manga de alpaca", dos que, sob a capa do cumprimento das leis, escondem uma consciência vesga e na qual, bem no fundo, há uma mal dissimulada "pontinha" de ódio contra a Igreja e contra todas as Instituições em sua volta agrupadas!

As Misericórdias têm suportado, com efeito, muitas e terríveis provações, sobretudo nestes dois últimos séculos. Ocultá-lo seria uma baixa atitude acomodatória ao Poder iníquo!

Mas, aqueles que as têm servido ao longo dos tempos, sempre com o melhor do seu entusiasmo e dedicação, de alma limpa e coração aberto, no meio de tantas adversidades e incompreensões, não de ouvir, depois, a voz do Senhor, no chamamento dos Justos: -"Vinde benditos do meu Pai: tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, estava nu e vestistes-me...".

de A ORDEM

A. Figueira

A MISERICÓRDIA precisa do auxílio de **TODOS!**

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Edição, Direcção e Propriedade: MISERICÓRDIA DE SARDOAL

- 2230 SARDOAL

Edição 24/26 Julho / Setembro de 1985

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Publicação mensal